

# A INACESSIBILIDADE NA OBRA DE FRANZ KAFKA

ANTÔNIO DONIZÉTI PIRES\*

## 1.

Escolhemos para este trabalho algumas obras capitais da produção Kafkiana, e a leitura que propomos para estes textos é a da viagem sem retorno, infinita e interminável como metáfora da condição humana. Assim, de um lado temos o conto Graco, o Caçador, inserido na coletânea *A Construção da Muralha da China* (1918) e, de outro, os romances *O Processo* (1914) e *O Castelo* (1922).

O tema da viagem, *sui generis* em Kafka, foi abordado pelo autor em várias narrativas curtas ou fragmentárias e no romance *O Desaparecido* (ex-América), o qual nos mostra o jovem Karl Rossmann auto-exilado na América promissora.

O conto Graco, o Caçador, no entanto, trata de uma viagem sem volta e interminável, cujo destino é inalcançável e cujo itinerário se desdobra infinitamente por todos os mares e oceanos da Terra. Da mesma forma, *O Castelo* e *O Processo* tratam de viagens sem volta, onde os protagonistas não conseguem alcançar seus objetivos.

Em linhas gerais, o conto se constrói da seguinte forma: na cidade portuária de Riva chega pelo mar o cortejo fúnebre de Graco, um caçador que habitava a Floresta Negra e que há centenas de anos, perseguindo uma camurça, despencou num precipício e desde então morreu. O cortejo compõe-se do barqueiro, sua mulher Júlia e dois carregadores. O cais é pequeno e está praticamente deserto. As poucas pessoas que aí se encontram (dois meninos jogando dados, um homem que lê seu jornal, dois outros homens que bebem vinho na taberna enquanto o taberneiro cochila, o vendedor de frutas e uma mocinha que enche seu cântaro numa fonte) não

---

\* Mestrando do Programa.

se importam em absoluto com o que acontece a poucos metros de si. Apenas uma mulher desgrenhada, com um bebê ao colo, surge e mostra ao séquito a casa amarela, assobradada, onde acontecerá o velório.

Nesta casa o prefeito de Riva, enlutado, é recebido por cerca de 50 meninos e logo encaminhado pelo piloto da barcaça ao quarto onde já se encontra o ataúde de Graco, em cujas pernas se enrodilha um xale feminino com motivos florais e longas franjas e em cuja cabeceira os carregadores acenderam longas velas.

Graco, num diálogo permeado de melancolia e angústia, conta ao prefeito sua história, sua solidão, seu exílio involuntário após a morte (ele se sente, a um só tempo, exilado da Morte e de sua querida Terra Natal), seu navegar inútil, visto que sua barca perdeu o rumo, e a inacessibilidade da porta do Outro Mundo, em cuja escadaria o caçador está sempre se movimentando. Esta movimentação, no entanto, é também inútil, pois é apenas em sonhos que Graco atinge o limiar dessa porta. Assim, ele acorda de repente em sua velha embarcação e sabe que está perdido e condenado a permanecer perdido nos mares que o levam a lugar algum.

Ao contrário do Caronte mitológico, cujo destino certo era transportar as almas dos mortos para o Hades através do rio Aqueronte, o barqueiro de Graco é incapaz de cumprir com seu dever.

## 2.

No romance *O Processo* o protagonista Joseph K. é julgado e condenado por um tribunal implacável, onde *a hierarquia e os escalões (...) são infinitos e, mesmo para o iniciado, insondáveis, e o procedimento nas cortes é em geral secreto até para os funcionários inferiores* (Kafka, 1988, p.130). Joseph K. está detido, mas não há nada que o impeça de trabalhar e viver sua rotina habitual.

Ele é enredado pouco a pouco por uma burocracia monstruosa e desumana, cujos tentáculos se espalham secretamente pelos subúrbios da cidade sob a forma de cartórios e outras dependências judiciais. Mesmo o banco onde Joseph K. trabalha é transformado sub-repticiamente em repartição do tribunal. Ele vê um dia à tarde, após o expediente, um certo quartinho de despejo ser utilizado como sala de tortura, pois ocorre aí o espancamento dos guardas que a princípio o detiveram.

Em *O Castelo* o protagonista K. chega à aldeia onde foi contratado como agrimensor. Desde o início, porém, está impedido de exercer sua profissão, pois o alcaide lhe diz que mesmo contratado como agrimensor, na aldeia, *desgraçadamente, não precisamos de nenhum agrimensor* (Kafka, s/d, p.58). E conta a K. que há tempo, muito tempo, recebeu um decreto da alta administração do castelo exigindo a contratação de um agrimensor. Este decreto se converteu num processo longo e arrastado. Após grandes extravios de papéis e falhas nas comunicações de uma seção a outra dos escritórios do castelo, o alcaide verificou por fim que não havia necessidade de nenhum agrimensor, e arquivou-se o processo. K., então, é nomeado bedel da escola.

O que permanece inacessível a K. é o castelo. Ele jamais será recebido lá, seja pelo mais inferior dos funcionários, seja por Klamm, o todo-poderoso do lugar que jamais é visto e é objeto de inúmeras conjecturas por parte dos aldeões. Sabe-se com certeza que Klamm veste-se de negro, mas não se sabe exatamente quais são suas feições, sua altura, sua cor. No início do 3o. capítulo K. pode vê-lo comodamente sentado numa sala reservada da estalagem senhorial, mas o vê apenas por uma fresta aberta na parede, e acabam por se embaralhar em sua mente os outros retratos de Klamm pintados pelos aldeões.

Há no castelo outros senhores poderosos e inacessíveis como Klamm, os quais, como este, são também assessorados por incontáveis secretários. Se esses senhores, que são perfeitos guardiões dos segredos do castelo, são inatingíveis, o próprio conde de Westwest, o dono do castelo, o qual somente é referido no 1o. capítulo, permanece na mais completa inacessibilidade, e nada mais sabemos dele a não ser que é o dono do castelo.

### 3.

O aparato burocrático e judicial do tribunal que condena Joseph K. não se erige em belos e pomposos edifícios, mas se esparrama, como um câncer, pelos subúrbios da cidade. São cômodos pequenos, sujos, sem ventilação, de acesso difícilíssimo, ligados entre si por corredores labirínticos e escadas dissimuladas, onde se amontoam processos e funcionários, pessoas que esperam um veredicto e moradores miseráveis que dividem com a Lei um espaço sub-humano e sub-oficial.

O castelo, do mesmo modo, é um universo decadente: *Não era um antigo burgo feudal nem um suntuoso palácio novo, mas um povoadinho muito miserável, composto ao acaso de casas aldeãs, e distinguia-se apenas porque talvez ali tudo estivesse construído em pedra; mas a pintura tinha caído há tempos e a pedra parecia desmoronar-se* (Kafka, s/d, p.23). Apenas uma torre se destacava no conjunto, mas K. não sabia se esta se destinava à vivenda ou se era a torre de uma igreja.

O castelo e o tribunal são edificações anti-estéticas e anti-funcionais, sem nenhuma pujança arquitetônica, e portanto não utilizam a Arquitetura como o Poder a utilizou através dos séculos, se nos lembrarmos que a Arquitetura é a mais pública das Artes e a que mais se presta a demonstrar o poderio de épocas e nações.

No entanto, Kafka não está preocupado com a fachada do Poder, mas com os meandros deste, e de como este subjuga o cidadão comum com trâmites burocráticos e processos arrastados e absurdos.

Por isso a existência de tribunais com seus juízes e oficiais inacessíveis, escondidos, infinitamente alimentando a máquina infernal da justiça e da ordem.

Em *O Castelo* também há infinitos escritórios de controle. Barnabás, o mensageiro,

*chega a certos escritórios; mas estes não são mais do que uma parte de uma totalidade; porque depois existem umas barreiras, e atrás destas existem mais escritórios ainda* (Kafka, s/d, p.140).

Assim, em progressão infinita, o homem se vê acuado e incapaz de se defender perante o tribunal: o discurso de Joseph K. na primeira audiência que este comparece certo domingo de manhã acaba por se voltar contra ele próprio. K. também é alvo de interrogatórios e de um outro processo, o qual é instaurado para medir seus passos desde que ele põe o pé na aldeia.

#### 4.

A inacessibilidade do que quer que seja, o infinito, a hierarquia, a burocracia e a solidão são temas recorrentes em Kafka.

Nos três textos estes temas estão articulados de várias formas: Graco, K. e Joseph K. não atingem seus objetivos. Ao primeiro está vedado o acesso ao mundo luminoso da Morte, pois o caçador está condenado a vagar em sua velha barca num mundo intermediário e nebuloso, cujo sentido de infinito é representado pela vastidão dos mares e oceanos que circundam a Terra. K. e Joseph K. acreditam perseguir um objetivo fácil, comum (o acesso ao castelo e o acesso ao tribunal), mas não entendem que as autoridades

*não tinham que defender nunca sendo causas invisíveis e remotas em nome de senhores invisíveis e remotos (Kafka, s/d, p.57).*

Ou seja, o infinito aqui é representado pela hierarquia e a burocracia, as quais constroem um mundo à parte, tentacular e poderoso, pleno de escalões inferiores e superiores inacessíveis ao homem comum.

Lembra Jorge Luis Borges que

*duas obsessões regem a obra de Franz Kafka. A subordinação é a primeira delas; o infinito, a segunda. Em quase todas as suas ficções há hierarquias, e estas hierarquias são infinitas (Borges, 1985, p.121).*

O infinito Kafkiano é múltiplo, na visão de Borges. Vale lembrarmos *A Construção*, uma soturna fábula inacabada escrita em 1923 e que nos mostra uma toupeira a cavar sua toca incessantemente, dotando-a de labirintos e armadilhas para se proteger contra um inimigo imaginário. Do mesmo modo, em *A Construção da Muralha da China* (1918) um imperador remoto no tempo e no espaço faz com que infinitas gerações de operários construam em seu infinito império infinitas muralhas para deter o avanço de exércitos inimigos em marcha.

É claro que esses inimigos imaginários jamais atacarão, mas de alguma forma devemos nos ocupar com o Absurdo.

Um outro imperador, também perdido no tempo e no espaço, *enviou a você, o só, o súdito lastimável, a minúscula sombra refugiada na mais remota distância diante do sol imperial, exatamente a você o imperador enviou do leito de morte uma mensagem (Kafka, 1990, p.39)*, mas o mensageiro, infinitamente, força a passagem pelos aposentos do palácio mais interno sem conseguir ultrapassá-los. Mesmo que ele

alcançasse romper a multidão e este primeiro palácio, porém, *nada estaria ganho: teria de percorrer os pátios de ponta a ponta e depois dos pátios o segundo palácio que os circunda; e outra vez escadas e pátios; e novamente um palácio; e assim por diante, durante milênios* (Kafka, 1990, p.39/40). O "você" a que se refere o texto pode ser Graco, K. e Joseph K. a esperar a mensagem que poderia auxiliá-los a alcançar seus destinos e cessar suas buscas. Mas o mensageiro, está claro, também é impossibilitado de atingir seu objetivo, e o recado então se perde num tempo-espaço inacessíveis e irre recuperáveis.

O homem kafkiano é colocado assim como um ser. solitário, incapaz, limitado a remoer sua culpa e a esperar, inutilmente, a felicidade e a salvação. Dizemos inutilmente porque em Kafka não há esperança, não há salvação, não há como escapar da ilusão e do pessimismo. O próprio Kafka nos diz num aforismo:

*Podes conhecer qualquer coisa além da ilusão? Se a ilusão fosse um dia eliminada, jamais ousarias olhar para trás, pois serias transformado numa estátua de sal* (Kafka, 1993, p.120).

A solidão kafkiana é existencial. Por mais que Joseph K., ou mesmo K., se enredem em furtivas aventuras amorosas, buscando no universo feminino uma possível ajuda para se chegar à Lei ou ao castelo, esta se mostra inócua, enganadora e fugaz: mesmo através do amor não há salvação, não há felicidade, não há como subtrair-se ao abismo.

Apesar de que, num certo sentido, o que nos resta é justamente esse precipitar-se no abismo e esse caminhar em direção ao infinito, como nos ensina certo antigo provérbio jurídico inserido em *O Processo*:

*Para o suspeito, o movimento é melhor do que o repouso, pois aquele que repousa sempre pode, sem o saber, estar no prato de uma balança e ser pesado junto com seus pecados* (Kafka, 1988, p.208).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. Franz Kafka: a metamorfose. In: *Prólogos*. Trad. de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- KAFKA, F. *O processo*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- KAFKA, F. *O Castelo*. Trad. e prefácio de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- KAFKA, F. Uma mensagem imperial. In: \_\_\_\_ *Um médico rural*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- KAFKA, F. *Contos, Fábulas e Aforismos*. Seleção, tradução e introdução de Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BENJAMIN, W. Franz Kafka no décimo aniversário de sua morte. In: \_\_\_\_ *A modernidade e os modernos*. Trad. de Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- CAMUS, A. A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka. In: \_\_\_\_ *O Mito de Sísifo*. Tradução e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- IZQUIERDO, L. *Conhecer Kafka e sua obra*. Trad. de Manuel Mota. Lisboa: Ulisséia, s/d.
- KAFKA, F. *Um artista da fome e a construção*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KAFKA, F. *Contemplação e O Foguista*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KAFKA, F. *A Grande Muralha da China*. Trad. de Fátima Fonseca. Lisboa: Europa-América, s/d.
- KAFKA, F. *Nas galerias*. Trad. de Flávio R. Kothe. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- KAFKA, F. *O veredicto/na colônia penal*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 2a. ed., 1988.
- ROSENFELD, A. Kafka e kafkianos. In: \_\_\_\_ *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva/INL, 2a. ed., 1973.